

SAVANA MAIS RICA DA TERRA

A FAUNA

BRASÍLIA TEM MAIS VARIEDADE DE ANIMAIS DO QUE AS ENCONTRADAS NAS REGIÕES DE VEGETAÇÃO SEMELHANTE DA ÁFRICA E DA AUSTRÁLIA

EDUARDO OLIVEIRA
ESPECIAL PARA O CORREIO

N a mata alta e fechada do Parque Nacional de Brasília, vestindo uma roupa do Exército para se camuflar entre as plantas e não ser percebido pelos animais, o pesquisador Carlos de Araújo ouve atento o canto das aves. Especialista em psitacídeos, família das araras, papagaios e periquitos, Carlos é um dos raros biólogos que dedicam suas pesquisas à riquíssima, porém pouco conhecida, fauna do DF. “Cada dia em campo é uma surpresa diferente, uma cena magnífica”, conta Araújo. “Sou encantado com o Papagaio-galego, objeto de estudo do meu mestrado”, enumera o biólogo. No total, são 841 espécies de aves vivendo no cerrado.

Outro biólogo que aproveita a abundância da nossa fauna para fazer pesquisas é Pedro de Podestà. “Em dois minutos já apareceram aqui três

espécies de peixes”, aponta o especialista na fauna aquática do DF. Só em seu mestrado, Pedro descobriu a ocorrência de 12 novas espécies aqui, duas delas nunca antes registradas em nenhum outro lugar do mundo.

Essa variedade também vale pra os mamíferos. “A savana neotropical, o cerrado, é a mais rica em espécies do mundo. Temos mais tipos de bichos e plantas aqui do que na savana africana ou na australiana”, revela o professor da UnB Jader Marinho. Apesar de rica, a fauna do cerrado ainda é pouco estudada. “Há pouquíssima informação sobre os animais nativos brasileiros”, acredita. “Tatu, tamanduá, bicho-preguiça, jacaré, lontra e ariranha não frequentam o imaginário infantil. Nossas crianças falam dos dinossauros, do ursinho panda, de leões, do lobo mau”, completa.

RIQUEZA AMEAÇADA

Aqui no DF o lobo não é mau nem assusta as

criancinhas “O nosso lobo é um bicho solitário, magro, que anda em passo lento para economizar energia e que tem nas frutas sua principal fonte de alimentação,” conta o professor. O lobo-guará é um dos animais ameaçados de extinção. Marinho orientou uma pesquisa da bióloga Keila Juarez, que detectou que pelo menos dez espécies de mamíferos correm risco de desaparecer das reservas brasilienses nos próximos 50 anos. Entre elas, o porco-espinho, o gato do mato, o furão e a capivara.

Apesar de o DF ainda ter uma proporção expressiva de reservas cobertas pela vegetação nativa, essas áreas foram ficando isoladas. “As áreas protegidas, que um dia já foram conectadas, viraram ilhas de vegetação natural cercadas por uma mistura de malha urbana e rodoviária”, explica o professor. Com as populações cada vez mais reduzidas, surge outro problema: cruzamentos entre familiares, que causam problemas genéticos, gerando indivíduos mais frágeis.

Cadu Gomes/CB/D.A Press -



O lobo-guará, bicho solitário, magro, que anda em passo lento para economizar energia e come frutas, está ameaçado de extinção

BRASÍLIA COMOVE. A MIM COMOVE. SEI QUE UMA PRAÇA E UMA CASA SÃO BELAS QUANDO ME COMOVEM. MAS NÃO CONHECI PELO MUNDO QUALQUER OUTRA CIDADE QUE ME COMOVESSE EM SUA INTEGRIDADE”

PAULO MENDES CAMPOS

100% candangos

▶ Animais nunca antes registrados foram descobertos no território do DF. Alguns deles são endêmicos, ou seja, até hoje só foram vistos por aqui. Conheça alguns dos nossos conterrâneos.

Nome científico: Simpsonichthys boitonei
Nome popular: Pirá-Brasília

▶ Esses pequenos peixes medem entre 20 e 25 mm e vivem em lagoas que se formam uma vez por ano, no período das chuvas. Quando chega a seca, a espécie some, mas no ano seguinte, como em um passe de mágica, reaparece. Isso porque, antes de morrerem, esses animais enterram seus ovos no solo. Quando chega novamente a estação da chuva, eles nascem e se desenvolvem. Infelizmente esse fenômeno pode não se repetir nos próximos anos, graças à ocupação urbana desenfreada das áreas em que o Pirá-Brasília vive.

Nome científico: Scytalopus novacapitalis
Nome popular: Tapaculo-de-Brasília

▶ O Tapaculo-de-Brasília foi descoberto em 1957, durante a construção da nova capital. A ave pode ser encontrada no matagal úmido de matas de galeria. Sua penugem é cinza escura e a barriga esbranquiçada. Por viver em mata fechada, é difícil de ser visto. Depois de sua descoberta, já foi encontrado em outros locais, mas ainda assim a espécie é considerada ameaçada de extinção.

Nome científico: Juscelinomys candango
Nome popular: Rato-candango

▶ Batizado em homenagem ao nosso fundador, esse roedor foi descoberto em 1960. Oito exemplares foram coletados, todos de uma vez, em área pertencente à Fundação Zoobotânica do Distrito Federal. Depois de diversas tentativas frustradas de localização de novas populações na região, alguns especialistas sugerem que a espécie deva ser considerada extinta. O intenso processo de urbanização de Brasília, com consequente alteração do habitat, foi responsável pelo sumiço do rato-candango.

Nome científico: Cryphiops brasiliensis
Nome popular: não tem

▶ Quem degusta os camarões pescados no litoral brasileiro nos restaurantes da cidade mal imagina que Brasília também tem seu camarão. O Cryphiops brasiliensis é uma espécie do crustáceo só encontrada no DF, nos córregos da Bacia do Paranoá. Quando vivos, apresentam cor cinza-escura, quase preta, confundindo-se com a lama. Descoberta na década de 60, a espécie tem seu parente mais próximo em rios do Chile. Isso indica que seus ancestrais viveram na nossa região antes da formação dos Andes e do Planalto Central.

Nome científico: Bothrops moojeni
Nome popular: Jararacão ou Caiçara

▶ Com hábitos noturnos e terrestres, essa espécie de jararaca esconde-se em tocas e troncos ocos, alimentando-se de pequenos mamíferos, aves, lagartos, serpentes e anfíbios, que são atraídos por uma armadilha natural: a ponta de sua cauda, que, ao ser abanada, tem o efeito de uma isca. Alcança até 1,5 m de comprimento e vive em média 15 anos. Quem se encontrar com uma delas deve manter distância: além de venenosa, a caiçara é uma das serpentes mais agressivas do grupo das jararacas, sendo capaz de atingir as partes mais altas do corpo de uma pessoa.